



BENASSI, C. A. Entrevista com o músico/artesão Júlio Diniz. In.: **Revista Diálogos** (RevDia). Dossiê temático “Afinando desNotas”. BENASSI, C. A. (org.). v. 5, n. 2, mai.-ago., 2017. [http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia]

ENTREVISTA COM O MÚSICO/ARTESÃO JÚLIO DINIZ

Interview with the musician/artisan Júlio Diniz

CLAUDIO ALVES BENASSI

JÚLIO DINIZ

Sobre os autores:



Claudio Alves Benassi.

Doutorando em Estudos de Linguagens (UFMT). Formado em música pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Especialista em Língua brasileira de sinais (Libras) pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Mestre em Estudos Interdisciplinares de Cultura Contemporânea (UFMT). Artista pesquisador e professor da Coordenação de Ensino de Graduação de Letras-Libras – Licenciatura. Professor Auxiliar A. Pesquisador e crítico da gênese artística musical e de cultura. Pesquisador da Escrita da Língua de Sinais. Fabricante de ocarinas e criador do sistema harmônico numerológico Pitagórico e do sistema de escrita da língua de sinais VisoGrafia. Editor gerente das Revistas Diálogos (RevDia) e Falange Miúda (ReFaMi). caobenassi@hotmail.com



Júlio Diniz

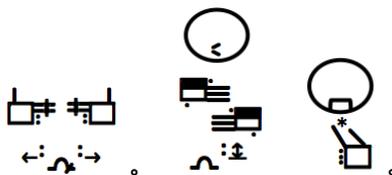
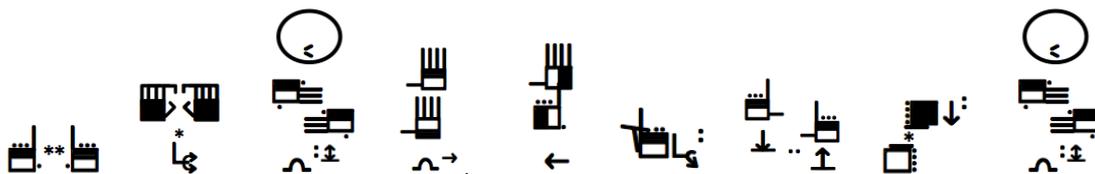
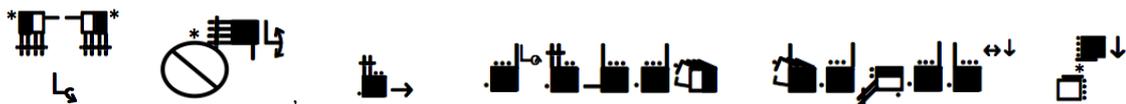
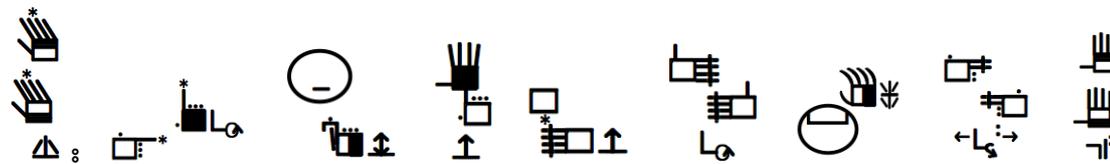
Músico multi-instrumentista, artesão e estudante. Iniciou-se na música por meio de estudos realizados no Projeto “Som e Riso”. Atualmente, estuda no conservatório Carlos Chagas.

biotecdiniz@gmail.com

Revista Diálogos.

Dossiê “Afinação em flores e frutos”, v. 5, n. 2, Edição comemorativa, 2017.







RESUMO: a presente entrevista tem como objetivo desvelar o início do processo de aprendizagem musical do jovem lutier paraense Júlio Diniz. O músico e artesão desenvolve um trabalho que vem chamando a atenção nas redes sociais e recentemente, participou do Festival Internacional de Flautas do Mundo, que aconteceu em Mendoza – Argentina. Dentre os muitos brasileiros inscritos, Diniz foi selecionado pelo potencial de seu trabalho de luteria com flautas, sendo que o que mais chama a atenção em seu trabalho, são os mecanismos artesanais de chaves que desenvolve para a quena e para a flauta doce.

PALAVRAS-CHAVE: Júlio Diniz. Luteria. Flauta doce.

ABSTRACT: this interview aims to unveil the beginning of the musical learning process of young Pará-born luthier Júlio Diniz. The musician and craftsman develops a work that is drawing attention in social networks and recently, participated in the World Flutes Festival, which happened in Mendoza - Argentina. Among the many Brazilian participants, Diniz was selected for the potential of his flute lutherie work, and the most striking feature in his work are the handcrafted key mechanisms he develops for quena and recorder flute.

KEY WORDS: Júlio Diniz. Lutherie. Recorder flute.

1. INTRODUÇÃO

Júlio Diniz é um jovem músico paraense, que deu seus primeiros passos na música em um projeto social, no qual teve contato com a flauta doce e por meio dela iniciou-se, significativamente, na música. Posteriormente deu sequência a seus estudos musicais no Conservatório Carlos Chagas. Além da flauta doce, Diniz tornou-se multi-instrumentista ao aprender a quena andina e a flauta de pão.

Diniz se diz apaixonado pelos sistemas mecânicos que alguns instrumentos apresentam. Como ele disse, foi aí que encontrou sua vocação. Diniz desenvolveu um sistema de chaves para a quena e atualmente desenvolve um mecanismo de chaves para a flauta doce. Fabricante de flautas como a quena e a flauta de pão, Diniz divulga seu interessante trabalho através de suas redes sociais.

Sua obra, de caráter inovador, o levou para a nona edição do Festival Internacional de Flautas do Mundo, que aconteceu em Mendoza, na Argentina, em setembro deste ano (2017). Sua luteria, tanto na construção





de flautas, quanto na produção dos mecanismos de chaves, foram avaliados e aceitos para a exposição no evento já citado, e representou o Brasil na seção de luteria.

Figura 01. Júlio Diniz apresentando sua obra no Festival Internacional de Flautas do Mundo. Mendoza - Argentina, 2017.



Fonte: álbum do artesão em rede social. Disponível em <https://www.facebook.com/worldflutesfestival/photos/t.100004844766972/10156758522311110/?type=3&theater>. Consulta em 24 de nov. 2017.

2. ENTREVISTA

1) *Caro Júlio Diniz, a carreira musical no Brasil, principalmente, no que tange a música erudita, financeiramente é tida como desinteressante e em muitos contextos, inviável, em virtude das dificuldades enfrentadas pelos profissionais da música, decorrentes do descaso do poder público com essa arte. Como foi seu contato com o mundo da música e o que te impulsionou ao estudo da mesma?*

Resposta: Meu primeiro contato se deu com um projeto chamado “Som e riso”, criado pela prefeitura de minha “cidadezinha”, Belém (PA), para musicalizar crianças que moravam em zona de risco e vulnerabilidade





social. Eu não me enquadrava nos quesitos para participar do projeto, mas um amigo meu que participava, insistia em me levar aos sábados para as aulas. No fim das contas, acabei me tornando fixo e um dos melhores alunos. Nosso instrumento era a flauta doce. Foi ali, o meu primeiro contato com uma. E vez ou outra víamos uma contralto ou tenor. Meus olhos brilhavam a cada aparição delas. Tornei-me o solista do grupo. Era muito curioso, e isso me ajudou e muito a me tornar quem sou hoje. Posteriormente o projeto terminou, e das 30 crianças, fui a única que seguiu para outro projeto o “Música e cidadania”, pertencente ao Conservatório Carlos Gomes. Passei três anos estudando, até que tive oportunidade de fazer teste para ingressar no instituto. Passei e me tornei aluno de flauta doce. Meu instrumento atualmente.

2) *Você, nas redes sociais divulga seu trabalho de artesanato, expondo seus produtos, tais como, flauta de pão, sistema de chaves para a flauta andina quena e ainda, você mostra seu trabalho no desenvolvimento de um sistema de chaves para a flauta doce. Como foi o início do seu processo de luteria e por que a escolha da flauta e suas variedades como instrumento?*

Resposta: Eu desde sempre fui um apaixonado por sistemas mecânicos. E quando vi que alguns instrumentos possuíam essas características, eu encontrei minha vocação. A primeira vez que fiz algo que lembrasse um mecanismo de chaves, foi em uma quena, visando ajustar umas notas desafinadas. A proposta deu certo. Mas não me contentei. Queria algo que lembrasse um clarinete ou fagote. Então, fiz uma quena barítono, feita exclusivamente para receber o chaveamento completo. Iniciei, e as ideias foram surgindo a medida que ia montando e testando. Após 5 anos, vi a flauta completamente montada. Era um sonho saído das páginas de um conto. A flauta Quena é um instrumento, assim como a flauta doce, que vem resistindo a modernidade de seus semelhantes. Escolhi a Quena justamente por isso: dar um toque a ela de modernidade mas que preservasse suas raízes. A incersão do sistema é apenas para ganho de espectro e opções de digitação.





3) *A flauta de pã é um instrumento muito antigo, rudimentar e muito conhecido ao redor do mundo. Quanto a luteria de flauta de pã, você realizou algum estudo sobre a fabricação desse instrumento, ou se iniciou empiricamente, ou seja, baseado na tentativa e erro e como se deu o processo de aprendizagem de construção de flauta de pã?*

Figura 02. Flautas de pã produzidas por Júlio Diniz



Fonte: álbum do artesão em rede social. Disponível em <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=817123635125788&set=picfp.100004844766972.557650277739793&type=3&theater>. Consulta em 24 de nov. 2017.

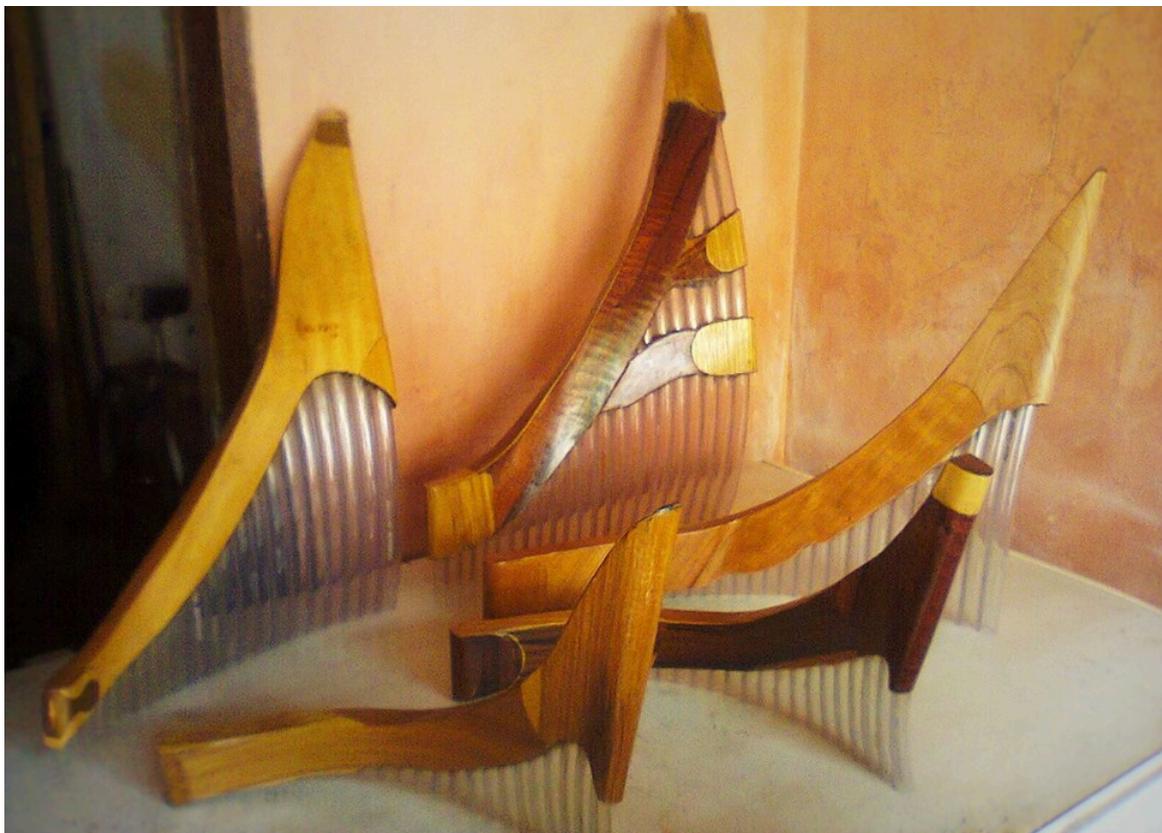
Resposta: Meu primeiro contato com uma Pã se deu pelo som e depois por imagem (um desenho na capa de um CD) foi a partir daquela lembrança, que me baseei na confecção da minha primeira flauta Pã: tubos amarrados e um menor que o outro. A matéria prima que utilizei por mais de 10 anos foi a mangueira PVC, até mais recentemente, adotar o Bambu como matéria prima, já que as flautas Pã são tradicionalmente fabricadas neste último material. Minha





aprendizagem foi outro baque. Tive muitas dificuldades para aprender: sem professor, à época sem acesso a internet, sem material. Só, como dizem, "com a cara e a coragem" de aprender. E assim se deu. Teve uma época que eu desisti, quase um ano. Aí voltei e voltei decidido a tocar de tudo. Estudava 6h por dia. Uma época que sinceramente, foi um divisor de águas para mim. Hoje minha rotina de estudos diminuiu, acredito que para 2h por dia, hoje estou só administrando o que conquistei há anos atrás estudando 6h diárias.

Figura 03. Flauta de pã em tubos flexíveis by Diniz.



Fonte: álbum do artesão em rede social. Disponível em <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=274479646056859&set=pb.100004844766972.-2207520000.1511534040.&type=3&theater>. Consulta em 24 de nov. 2017.

4) *Sabemos que a flauta de pã, em tese, é um instrumento diatônico. Para obter semitons, o músico precisa virar o instrumento, semifechando com o lábio a boca do tubo, com isso, produzindo um som meio tom abaixo do original. De acordo com Soares (2014, p. 53), a luteria é uma arte tradicional milenar que “aliada à ciência pode produzir resultados*





diferentes dos habituais”. Você tendo projetado um sistema de chaves para a quena e para a flauta doce, imagina um recurso para tornar a flauta de pã um instrumento cromático?

Resposta: O terror de todo iniciante em flauta pã e mesmo de quem não toca é exatamente esse detalhe: os sustenidos e bemois, que são executáveis inclinando-se o instrumento para fora ou para dentro. Minha ideia não seria "aposentar" esse método, pelo contrário, daria opções ao executante para escolher a maneira de melhor executar os acidentes. Isso se basearia em um sistema semelhante a um amortecedor ou mesmo algo que lembre os pedais de uma harpa. São ideias em construção, e não definidas. Estou a testar e escolher algo que seja orgânico e que seja o mais simples possível.

5) *Atualmente, quantas flautas de pã você conseguiu produzir e do total quantas foram comercializadas? Você tem algum dado sobre seus consumidores? Seus consumidores emitem algum tipo de resposta (feedback) sobre seus instrumentos e isso colabora com o aperfeiçoamento do seu processo de fabricação?*

Resposta: Acredito que tenha produzido algo em torno de 50 flautas. Sendo que desde 2005 até o segundo semestre 2016 todas essas flautas, eram produzidas sem a intenção de venda, mas apenas para meu uso e também era um modo de eu aprimorar minhas técnicas, já que eu não possuía nenhum material de apoio que me ensinasse as técnicas de confecção do instrumento. Nesses quase 6 meses de venda, tive clientes de todo o Brasil, de Rondônia a Rio Grande do Sul, que souberam do meu trabalho via facebook ou YouTube, onde tenho um canal que divulgo meu trabalho. Das 50 flautas construídas nestes quase 12 anos, permanecem comigo 4, que uso ativamente em concertos e apresentações. Continuo ativamente a fabricar, mais do que nunca, meus instrumentos, testando novas matérias e técnicas visando sempre a inovação e ampliação de espectro. As respostas de meus clientes são muito positivas, em especial ao modelo em PVC, inédito pra maioria dos entendedores de flauta pã, tendo recebido de músicos de países como





França e Romênia inúmeras indagações e pesquisas sobre os resultados sonoros de uma flauta feita neste material inusitado.

A flauta andina quena é um tipo de flauta de sopro direito sobre lábio (bisel sem canal) muito popular na região dos Andes. É um instrumento bastante rudimentar, normalmente fabricado em bambu e, geralmente, tem somente sete orifícios. O que te levou a se interessar pela flauta quena e como foi seu aprendizado da mesma? Por que e como foi desenvolver um sistema de chaves e como é esse sistema?

Figura 04. Sistema de chaves desenvolvido por Diniz para a flauta quena



Fonte: álbum do artesão em rede social. Disponível em <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=710729722431847&set=pb.100004844766972.-2207520000.1511533831.&type=3&theater>. Consulta em 24 de nov. 2017.

Resposta: Meu primeiro contato com a flauta Quena foi com um desenho dela na capa de um CD que me presentearam. Depois, encontrei um grupo de equatorianos em uma praça local, onde pude toca-la e experimentar seu som. Eu já havia feito algumas, bem rústicas e





desafinadas (aquelas mesmas que apliquei as chaves para ajustar a afinação). Eu aprendi tentando. Ouvindo e reproduzindo. Foi assim com todas as flautas que toco hoje. Aprendi sozinho. Não tinha acesso a internet ou à partituras. Apenas o rádio que era onde, toda a tarde, eu ouvia músicas andinas e tocava em cima, e assim fui aprendendo as técnicas.

Figura 05. No detalhe, sistema de chaves artesanal desenvolvido por Diniz.



Fonte: captura no perfil da rede social do artesão em rede social. Sem link de publicação.





Após aprender, minha curiosidade me levou a fazer uma quena chaveada. O sistema se baseia no mecanismo do fagote, tendo semelhanças também com o clarinete e flauta transversal, trabalhando sempre as inúmeras possibilidades de se tirar notas com dedos que ficariam "ociosos", distribuindo as funções com equilíbrio para todos os dedos visando sempre o conforto e o aumento de possibilidades para a produção da mesma nota. As chaves e trilos são todas em madeira, com sistema de molas que não usam "molas" ou agulhas, mas magnetismo. Reunindo ideias totalmente novas. É um sistema em desenvolvimento e a cada dia surgem mais ideias que reproduzo em outras flautas. A quena original permanece como está apenas para ser um protótipo ou base para as que virão.

- 6) *A flauta doce é um instrumento que se modificou muito pouco ao longo do tempo. No Barroco seu uso declinou em virtude do crescimento da orquestra, das inflexões no novo estilo musical daquele período e do desenvolvimento da flauta transversa (BENASSI, 2017, p. 19). Apesar de ter surgido, nos últimos anos, modelos considerados modernos, ainda não podemos contar com uma flauta doce que implemente um sistema de chaves Boehm ou similar que possibilite uma ampliação de sua tessitura. Você está desenvolvendo um sistema de chaves para a flauta doce. Quais são as características desse sistema?*

Resposta: Primeiramente, quando eu comecei um chaveamento para a quena, eu me baseava em apenas aprimorar a tessitura, harmônicos e dinâmicas. Quando esses testes apresentaram resultados positivos pensei em aplicar o mesmo sistema (com algumas alterações), à flauta doce. Os resultados foram satisfatórios. O sistema tem como característica, em um primeiro momento, melhorar a dinâmica e algumas notas como o Fa# da 2ª oitava, terror para muitos, estiloso para outros, onde o flautista deve usar a coxa para tirar a tal nota. Pensando nisso, criei a chave, de maneira empírica usando apenas alguns pensamentos lógicos, que nem eu mesmo sei explicar. A chave em questão foi a primeira que inseri na flauta doce e posteriormente inseri





a chave de Sol \sharp , acionada pelo dedo mínimo esquerdo. E a última inserida se baseia em uma chave que minimiza a tensão sobre o dedo anelar esquerdo. Diminuindo a distância para maior conforto. Essas descobertas foram tão impactantes que um grande flautista, Rúbens Kuffer, pediu que eu inserisse em sua flauta (já adaptada pela Mollenhauer) um sistema de chaves que tirasse a tensão sobre o dedo indicador direito. Ele me enviou uma flauta teste e criei um sistema particular, personalizado para a sua dificuldade, que distribuía a função de suprir a falta do dedo anelar esquerdo para todos os dedos da mão direita. Assim, comecei a fazer mais seriamente testes para aprimoramento do mesmo além de inserir novas descobertas.

7) *Dentro do cenário musical, a flauta doce é um instrumento as vezes rechaçado pela tessitura “pequena” e pela baixa projeção sonora. Segundo Almeida e Pires (2012, p. 71), “a arte de construir instrumentos de forma manual é complexa e deve obedecer a cuidados imprescindíveis para que o resultado final atenda às perspectivas desejadas”. Sabemos que um sistema de chaves funcional poderia ampliar sua tessitura. Pensando nisso, quais inovações esse sistema de chaves proporciona a esse instrumento?*

Resposta: Como mencionei anteriormente, o ganho para o instrumento é expressivo, dinâmico e objetiva a ampliação das possibilidades de produzir a mesma nota em posições diversas, simplificando-as. Tornando-as mais práticas. Quanto ao volume sonoro, os testes que tenho realizado mostram resultados muito promissores nesse aspecto, a medida que avançamos sobre a construção do instrumento como um todo e suas nuances, proporcionando soluções viáveis para inúmeros casos corriqueiros de passagens dificilmente executáveis ou conseguir um som aveludado sem desafinar, tudo isso apenas conhecendo a flauta em suas peculiaridades sonoras. Cada local a ser furado é estudado. É como se fosse uma busca pelo “ponto g” do instrumento, ou seja, o local de onde podemos extrair o melhor do potencial sonoro do mesmo.





Figura 05. No detalhe, chave para o fá# na flauta doce contralto. “Quem toca flauta doce (em especial, a Alto) sabe da dificuldade de se obter um Fá# digno (sem ter de se curvar para usar a coxa). Depois de alguns cálculos e uma pitada de receio obtive com sucesso um "Fá#" que se preze. Problema solucionado!” (DINIZ, em rede social).



Fonte: álbum do artesão em rede social. Disponível em <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=494231507415004&set=pb.100004844766972.-2207520000.1511534437.&type=3&theater>. Consulta em 24 de nov. 2017.

8) *Em relação a produção de quenas e flautas doces chaveadas você acredita que poderá produzir esses instrumentos sob encomenda ou vender a patente para outros artesãos e/ou oficinas produzirem?*





Resposta: Gosto de pensar para frente. Quem sabe futuramente sim. Saber que isso é pouco explorado em nosso país é desanimador, mas tenho certeza que em breve nós estaremos com artesãos capacitados para construção de mecânicos e chaveamento de instrumentos. Acredito que a falta de aprendizes seja uma barreira a se superar. Lembro que perguntei a um flautista se algum Luthier estava disposto a ensinar ou a ter um aprendiz, a resposta foi negativa. São poucos os lutieres em formação. O caminho é árduo. Não tem incentivo. E só agora, em Belém, teremos um curso voltado para a formação de lutieres. Já é um avanço. E espero que com o passar dos anos esse caminho, paralelo a música, se consolide e ganhe espaço no mercado.

9) *Em último lugar, seu trabalho, ainda que experimental, pode ser um marco na história da quena e da flauta doce. A esse respeito, gostaria que você fizesse suas considerações e defesa da importância do seu trabalho/experimentos na área da luteria.*

Resposta. Meu trabalho começou no amadorismo. E tem se estendido a proporções que mesmo eu não imaginei chegar. Desenvolver sistemas de chaves, criar, inovar, ter essa oportunidade de falar sobre meu trabalho aqui e a minha mais recente conquista: ser selecionado para representar o Brasil como Luthier na Argentina – Mendoza. Isso prova, inclusive para mim, o tamanho da importância das mudanças que estou fazendo nas flautas doces e andinas e do impacto dessas descobertas no trabalho e na visão de outros flautistas. Pra mim é um privilégio carregar essa responsabilidade e assim poder contribuir para algo que tanto amo fazer: ser lutier.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos no decorrer da entrevista com o jovem lutier, a criatividade do mesmo chama a atenção. Outro aspecto que nos “salta aos





olhos” é o fato do mesmo ser oriundo de projetos sociais, que o inseriu no âmbito das artes musicais. Seu trabalho, classificado pelo mesmo, como amador, é destacável pelo potencial de inovação que apresenta.

Sabemos que a flauta doce é um instrumento que mudou muito pouco ao longo dos séculos. A maneira de construção do instrumento é, salvo poucas exceções, praticamente a mesma. Diniz, por meio de um mecanismo de chaves propõe como outros grandes lutieres ao redor do mundo, mudanças que visam extrair do instrumento, as melhores possibilidades sonoras.

Mas não é só. Diniz busca também por meio de seu potencial criativo, implementar mudanças na quena, uma espécie de flauta de sopro direto. Essas mudanças incluem um sistema de chaves intrincado, que pode ser um marco na história deste instrumento. É por meio de trabalhos como este, que as grandes invenções, mudanças e inovações implementam a melhoria dos instrumentos musicais, proporcionando ao profissionais da área, extrair o melhor de seus instrumentos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. M. de; PIRES, Alzira. A arte da luteria no Brasil. **Revista Educação**. v. 7, n. 1, 2012. Disponível em <http://www.revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/1002/993>. Consulta em 12 de out. 2016.

BENASSI, C. A. **A flauta doce hoje**: o instrumento e suas técnicas expandidas no repertório de música contemporânea. Düsseldorf: NEA, 2017.

SOARES, M. A. **Produção de um violão em madeira de teca (Tectonagrandis)**. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Engenharia Industrial Madeireira. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Itapeva, 2014.

